

## Dialeto e linguagem em Hebel e Heidegger

## Dialect and language in Hebel and Heidegger

Marco Aurélio Werle

Universidade de São Paulo - USP<sup>1</sup>

### RESUMO

Pretende-se examinar a interpretação que Heidegger realiza de Hebel, um poeta e escritor de calendários que escrevia em dialeto e, portanto, colocou em questão o sentido da língua e da linguagem como morada humana no mundo.

### PALAVRAS-CHAVE

Poesia; linguagem; Heidegger; Hebel

### ABSTRACT

We intend to examine Heidegger's interpretation of Hebel, a poet and calendar writer who wrote in dialect and, therefore, questioned the meaning of language and language as a human home in the world.

### KEYWORDS

Poetry; language; Heidegger; Hebel

*"Der Hausfreund denkt etwas dabei, aber er sagt es nicht."*

(HEBEL, 1968, p. 6)<sup>2</sup>

Gostaríamos de nos deter num texto pouco conhecido de Heidegger, do ano de 1957, intitulado *Hebel, o amigo da casa (Hebel, der Hausfreund)*, dedicado ao poeta Johann Peter Hebel (1760-1826), que escrevia em dialeto alemânico e foi autor de contos para calendários e de poemas. No centro de nossa análise está o exame da expressão *Hausfreund*, que orienta e conduz a interpretação que Heidegger realiza de Hebel. Tentaremos delimitar e esclarecer esta interpretação sem, no entanto, entrar

<sup>1</sup> E-mail: [mawerle@usp.br](mailto:mawerle@usp.br), Orcid <https://orcid.org/0000-0003-0602-0996>

<sup>2</sup> "O amigo da casa pensa algo, mas não o diz" (passagem do conto "O carregador de água" (*Der Wasserträger*)).

no mérito de sua “exatidão literária”, que porventura pudesse ser estabelecida segundo os moldes da tradição de análise literária. Pois Heidegger, tal como também vemos em muitas interpretações de poesias e de poetas realizadas por Gadamer, segue parâmetros que se poderia designar como sendo hermenêuticos, ou seja, que se localizam numa dimensão que não se pretende científica. Procura-se antes acompanhar a mensagem poética enquanto um dito e uma experiência de mundo. Diante disso, é importante atentar para essa especificidade, alargando e explicitando as opções heideggerianas, a fim de que se possa perceber onde elas pretendem chegar através da obra de Hebel, em termos da história da filosofia e de um pensamento originário relacionado à linguagem. Com isso, espera-se poder, ao fim do percurso, referir brevemente a questão para a qual desemboca este texto de Heidegger e que, a nosso ver, marca fortemente outros textos seus da década de 50 do século XX. Pensamos no tema da essência da linguagem, da linguagem como algo autônomo e que fala por si mesma, tema esse que no pensamento de Heidegger está estreitamente vinculado ao sentido da poesia como discurso que recolhe, no sentido do *légein* grego, para além de uma mera filosofia da linguagem que opera no campo do que já está fixado como *logos*, racionalidade lógica e calculadora.

Obviamente não poderemos, no contexto desse artigo, entrar na questão de como se apresenta, ao longo do trajeto filosófico de Heidegger, a relação entre linguagem e poesia. Adiantamos apenas que no pensamento inicial de Heidegger, em *Ser e Tempo*, onde é formulada a proposta de uma colocação do sentido do ser a partir de uma analítica da existência, cujo tema é o *Dasein* (ser-aí), não há propriamente espaço para a linguagem e a poesia enquanto tais, segundo o que nos informa o § 34. A linguagem é compreendida ali como fala ou discurso (*Rede*), referidos diretamente à explicitação interpretativa da compreensão e da disposição cotidiana do *Dasein*. Já na década de 1930, notamos em Heidegger um recuo à dimensão originária antipredicativa do enunciado representativo e o questionamento da “natureza” do *logos* enquanto *legein*. O lugar da verdade, balizado por um contato com a obra poética de Hölderlin, vai aos poucos produzindo uma aproximação à linguagem como âmbito preparatório para o caminho da poesia, segundo o que nos indica o ensaio “Hölderlin e a essência da poesia”. Nesse ensaio se ressalta a linguagem como conversa (*Gespräch*), a partir de uma morada poética do ser humano e como ato poético instituidor (*stiften*), fundador e fundante. A linguagem é tanto o “maior de nossos bens”, bem como é também algo que facilmente se perde ou é desperdiçado pelo ser humano, levando-o a se “perder” ele mesmo em sua existência. Por fim, nos anos 50 parece haver uma “inversão”, pois a linguagem assumirá o primeiro plano do pensamento, de modo que o poético será a linguagem que fala por si mesma. O *Dasein* passa a ser compreendido sobretudo pela instância autônoma da linguagem, que toma conta, no sentido de guardar e resguardar, o ser humano: é a linguagem como a casa do ser, que fala pelo ser humano, o pastor, e não este pela linguagem. Isso é abordado ao longo da coletânea *A caminho da linguagem*, desde uma meditação sobre a poesia de Georg Trakl até a indagação do paradigmático verso de Stefan George, comentado por Heidegger: “*kein Ding wo das Wort gebricht*” (não há coisa onde quebra a palavra).

No que se refere à interpretação de Hebel, ela é conduzida segundo o pseudônimo deste em seus contos de calendário, que é *Hausfreund*, o amigo da casa. Mas, antes de iniciar esse procedimento interpretativo, que somente se dará a partir do § 10 do texto, Heidegger, seguindo preceitos fenomenológicos e hermenêuticos, faz uma espécie de introdução que prepara o caminho a ser tomado na sequência. Aliás, todo o texto se assemelha a um processo de aproximação fenomenológica e hermenêutica ao poeta Hebel, que nos é apresentado aos poucos, num processo de desocultação, o que também é central para a compreensão de sua poesia e atividade literária. Uma interpretação fenomenológica e hermenêutica de uma obra de arte ou de um poema, a rigor, sempre será da *ordem de uma aproximação* e nunca de uma chegada ou de uma investida que possui o intento de aprisionar a palavra ou a imagem, como se fosse algo simplesmente dado diante de nós. O modo de ser de uma obra de arte e de um poema, ao contrário, coincide de modo fundamental com o próprio *Dasein* enquanto uma abertura, uma pulsação ontológica fundamental que está sobretudo “aí”. Trata-se menos de entender e conquistar do que de compreender e deixar ser a palavra e a imagem. Heidegger, pois, lida intencionalmente com o ocultamento e desocultamento como critérios de verdade, a *alétheia*, como o lugar da verdade de onde emerge o próprio discurso de Hebel. É a linguagem tomada como dialeto, aquilo que se oculta na língua e lhe dá a seiva e vigor expressivos. O dialeto é a origem oculta e desoculta da linguagem, seu *légein* originário (*ursprünglich*), de onde brota (*Sprung*) primitivamente (*ur*) a língua.

Dois pontos podem ser destacados nessa introdução:

1) Primeiramente Heidegger insiste na ideia de que Hebel é um autor desconhecido, que necessita ser redescoberto, mas não como mero literato, e sim como o que “autenticamente” seria enquanto alguém que possui uma relação especial com a língua e a linguagem. Essa redescoberta não implica, porém, a transformação de Hebel numa nova celebridade literária, e sim remete a uma certa aproximação ao seu âmbito de surgimento: o cotidiano, o dia-a-dia, o povo, a geografia, o hábito e a morada, o tempo, a terra natal, etc.

De fato, Hebel não é propriamente um escritor alemão famoso e provavelmente muitos o confundam com o dramaturgo Hebbel do século XIX. A primeira frase do texto é sugestiva na direção de um suposto desconhecimento de Hebel. Heidegger pergunta: “Quem é Johann Peter Hebel?”. Essa pergunta é estratégica e nos introduz de imediato no universo bem-humorado, ingênuo e irônico de Hebel, que justamente brincou com seu próprio nome, que em português ficaria assim: “João Pedro Alavanca”. “Ich helfe Kisten laden und mache auch Scharaden” (Ajudo a carregar caixas e também faço charadas) (apud FRANZ, 1985, p. 77).

Ajudando-nos a lembrar quem é este homem, na sequência é esboçada sua biografia (HEIDEGGER, 1957, p. 7-9): aqui e acolá, na escola do povo (*Volkschule*)<sup>3</sup>, talvez tenhamos ouvido na nossa infância falar de Hebel. Aprendemos uma ou outra de suas poesias pelo livro de leitura e também ouvimos seu nome quando lemos alguns de seus contos de calendário. Seu *curriculum vitae* (*Lebensgang*) nos informa que ele nasceu na Basiléia em 1760 e morreu em Karlsruhe em 1826. Nesta última

<sup>3</sup>A *Volkschule* era na Alemanha da época a escola pública do ensino fundamental e médio.

cidade foi professor de colégio e foi ali também que viveu boa parte de sua vida, durante 35 anos. Sua pátria, porém, observa Heidegger, nunca foi apenas esta cidade (Karlsruhe) e sim a terra natal (Basiléia), ou seja, a região onde nasceu, situada na Floresta Negra e próxima do rio Reno. Esse fato o influenciou na escrita e no modo como se relacionou com o dialeto, pois sua vida foi marcada o tempo todo por uma nostalgia (*Sehnsucht*) da pátria, a qual deixou muito cedo. Sua vida inspirou-lhe um sentimento de distância na proximidade e de proximidade na distância, muito embora geograficamente as duas localidades não estivessem tão longe uma da outra.

As más línguas dirão que Heidegger, com seu modo de expressão peculiar e seu estilo *sui generis*, exagera nessa “apresentação” de Hebel, inclusive num tom que se poderia designar de piegas, ao insistir no fato de Hebel ser um autor desconhecido. Pois, sabe-se que principalmente depois da comemoração do centenário de sua morte, em 1926, Walter Benjamim, que o examina e admira no ensaio “O narrador”, e Ernst Bloch lhe dedicaram ensaios. Além disso, afluíram publicações acerca de sua obra e que, portanto, em 1957, ele já é bem conhecido do público alemão. Acrescente-se a isso sua popularidade, desde o século XIX, junto aos livros de ginásio e da *Grundschule* (Escola Fundamental) alemã. Contudo, é preciso notar que Heidegger tem plena consciência desses fatos e que não é isso que está contestando ou retificando. Hebel é desconhecido não como literato ou como um mero escritor (*Schriftsteller*), mas como poeta (*Dichter*) que colocou em questão a essência da linguagem. Acrescente-se que Heidegger sempre insiste nessa atitude de ir às coisas mesmas e na necessidade de experimentar os temas e autores da história do pensamento ocidental desde as suas origens e como se ainda estivessem para serem descobertos, tivessem que ser desvendados. Para o *Dasein* e para tudo o que é da ordem estrutural de um *Dasein*, que possui a sua marca ontológica fundamental, não existe nada humano que possa ser declarado como conhecido de modo definitivo. Sempre resta um mistério naquilo que foi experimentado de modo fundamental. Isso vale tanto para os filósofos quanto para os poetas. Na fenomenologia hermenêutica não se lida com um pensamento que fixa previamente uma certeza indubitável: nada é de antemão óbvio e evidente.

2) Ainda nesta introdução podemos vislumbrar uma prévia concentrada daquilo que Heidegger pretende destacar na obra de Hebel. Ao mostrar a história de vida (*Lebensgeschichte*) dele, é enfatizado o apego à pátria, a magia da terra e da geografia do sul da Alemanha, que exerceu um encanto constante sobre Hebel. “A nostalgia<sup>4</sup> da pátria [...]” (HEIDEGGER, 1957, p. 9) teria sido a condição para Hebel escrever suas “Poesias Alemânicas” (*Allemanischen Gedichte*). A ligação manifesta entre vida e obra fica ainda mais clara na escrita em dialeto alemânico, o que em nada diminuiria o valor de seus poemas. Ao contrário do que se pensa, o dialeto não é uma língua rude e pouco expressiva. Antes, pela poesia feita em dialeto Hebel atingiu o cerne de toda a linguagem. “A língua falada é a fonte cheia de mistério de

---

<sup>4</sup>O termo nostalgia traduz *Sehnsucht* que, no alemão, tem também o sentido de uma ânsia em querer ver, ou seja, contrariamente ao que acontece na tradição poética portuguesa, a saudade alemã se dirige também para o futuro e o infinito. Conferir um texto de Anatol Rosenfeld dedicado somente a esta distinção entre “*Sehnsucht*” e “saudade” (ROSENFELD, 1959).

toda língua consolidada. Dela emana para nós tudo aquilo que o espírito da língua abriga em si" (HEIDEGGER, 1957, p. 10). O que este espírito abriga é "... aquilo que é elevado (*jenes Hohe*), que a tudo perpassa imperando, de onde cada coisa tira sua procedência que vale e frutifica" (HEIDEGGER, 1957, p. 10). Estas observações de Heidegger podemos condensá-las numa frase: a obra, em dialeto, advém de um morar. Assim, o *Hausfreund*, como exemplo para o pensar da essência da linguagem pode, na sequência, ser posto em questão.

Antes de avançarmos nessa caracterização fenomenológica e hermenêutica de Hebel, convém que nós mesmos experimentos ou habitemos, pelo menos brevemente, a obra de Hebel, deixemos que ela se nos mostre como tal, nos toque, seja ela mesma uma amiga de nossa casa. Seguimos aqui uma tradução feita por Samuel Titan Jr. dos principais contos de Hebel<sup>5</sup>. Afora os aspectos literários e de procedimentos de escrita, muito bem ressaltados por Samuel Titan Junior, que também aponta a influência que Hebel teve sobre importantes escritores do século XX, queremos ressaltar elementos que vão ao encontro das considerações heideggerianas. Como vimos, Hebel se move tanto num plano ligado ao ambiente mais imediato das experiências do cotidiano, que se poderiam chamar de populares, e possui ao mesmo tempo um sentido surpreendente e um humor vivo e presente, simples, que muitas vezes explora ambiguidades ou mal-entendidos linguísticos, tais como vemos no conto "Um equívoco", no qual se confunde a palavra "filou", "patife" em francês, com "wieviel Uhr?", "que horas são?", em alemão. Outro exemplo bem humorado de confusão linguística: "der Bauernknecht, der vom Urlauber mit 'Hallo, Mister!' angeredet wird, wehrt ab: 'Na, i bin net der Mister, i bin der Melker'" (apud FRANZ, 1985, p. 77-78). Traduzindo: "Um camponês é cumprimentado por um turista/algum de férias, que diz: 'Olá, Mister'. O camponês responde: "Eu não sou o Mister (em alemão vem de Mist, esterco; esterqueiro), eu sou o ordenhador (que vem de *melken*, *Milch melken*, ordenhar uma vaca)". Em "Pouso breve" se coloca o espírito do paradoxo, que diz respeito à viagem de um judeu, que a rigor, com oito cavalos nem precisa mais viajar! Segue o conto:

69

O chefe da posta disse a um judeu que chegara à estação com dois cavalos: "Daqui para a frente são precisos três cavalos. A estrada segue ladeira acima e o leite está cheio de valas. São três horas até o final". O judeu perguntou: "E quanto tempo levo com quatro cavalos?". "Duas horas." "E com seis?" "Uma hora." "Sabe de uma coisa?", disse por fim o judeu. "Atrele oito, assim não preciso nem partir!"

Mas, sem dúvida, o principal conto de Hebel é *Kannitverstan* (Não posso entender), que no próprio título coloca um tema muito caro a Hebel, de que a língua e a linguagem é sobretudo um campo de estranhamento, de desentendimento, mas por onde sempre também ocorre uma compreensão, pois os equívocos linguísticos são justamente os que nos revelam as dimensões inauditas da linguagem, algo que, aliás, será explorado mais tarde, no século XX, pela psicanálise. Basicamente, o

<sup>5</sup>[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002005000200016](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200016).

enredo do conto se refere a um humilde jovem alemão que, ao visitar Amsterdam, pergunta a um holandês o nome de uma pessoa rica, ao que recebe a resposta: “Não entendo” e conclui que *Kannitverstan* é o nome do ilustre dono. A seguir visita o porto com muito movimento e pergunta quem é o destinatário de tantas mercadorias valiosas: *Kannitverstan* de novo. Mais adiante, acompanha um funeral e pergunta quem está sendo enterrado, ao que recebe de novo a resposta: *Kannitverstan*. Hebel conclui então o conto da seguinte maneira:

Por fim, de coração mais leve, foi-se embora com os demais, devorou com apetite um naco de queijo de Limburg numa estalagem em que se falava alemão e, dali em diante, quando queria se acabrunhar porque tanta gente era tão rica e ele, tão pobre, só precisava pensar no sr. *Kannitverstan*, de Amsterdam, que tinha a casa tão bela, o navio tão rico, a cova tão justa.

Vale citar também o começo do conto, que dimensiona o encaminhamento de toda a narrativa. Embora a prosa de Hebel tenha um sentido levemente moral, inclusive cristão, ao considerar que é necessário se conformar com pouco nessa vida, o todo é sobretudo cômico: trata-se de deixar ao personagem mesmo a elaboração dessa visão de mundo, a qual se desdobra numa “orientação de vida”:

Não passa dia sem que o homem tenha ocasião, ao menos se quiser, seja em Emmendingen ou Gundelfingen, seja ainda em Amsterdam, de refletir sobre a inconstância de todas as coisas terrenas e de se dar por satisfeito com seu próprio destino, por mais que o mar não esteja para peixe.

Após essa breve incursão pelo universo de Hebel e as observações sobre o carácter da abordagem heideggeriana, que parte da consideração de que “Johann Peter Hebel é o amigo da casa”, Heidegger avança em seu movimento de desvelamento ressaltando o significado mais imediato e ao mesmo tempo mais profundo contido neste termo *Hausfreund*. Num primeiro momento, a noção *Hausfreund* é situada a partir da obra de Hebel que lida explicitamente com ela, isto é, sua literatura em prosa. Hebel se autodenomina o “amigo da casa” em seus escritos de calendário, e costuma ele mesmo intervir, enquanto narrador, naquilo que é narrado: não se abstém de emitir juízos, embora geralmente deixe em suspenso o juízo, abstendo-se de emití-lo e mantendo-se num silêncio significativo. O *Hausfreund*, posto que é um amigo do leitor, também se dirige aos seus leitores como sendo “leitores inclinados ou benevolentes” (*geneigte Leser*), aqueles que o acompanham e lhe são íntimos ou solidários.

Heidegger vê nesta caracterização, contudo, não somente um nome restrito, designador de uma atividade literária, algo como um pseudônimo ou como um mero expediente narrativo ou de construção de um conto, mas como sendo a própria determinação poética de toda a labuta de Hebel, entendida como um modo de ser no mundo a partir de um ofício. Todos os contos de Hebel, aliás, insistem numa espécie

de apelo mimético ou num expediente que confere sentido de verossimilhança à narrativa. Os contos são escritos enquanto *testemunhos* do amigo da casa: ora o *Hausfreund* escreve a partir da própria experiência, ora a partir do que seu amigo revelou ou o amigo do amigo. E, para demonstrar essa veracidade e verossimilhança, no início de cada conto sempre nos é revelada a fonte, ou a suposta fonte, mesmo que seja incógnita, advinda de um “ouvir falar”. No entanto, o *Hausfreund* sempre assegura que ela é confiável, pois o *Hausfreund* não quer ser confundido com um autor ficcional, com um mero “inventor de histórias”.

Pelo fato de *Hausfreund* ser o nome para a poesia de Hebel, ressalta-se também a forma do calendário que, a despeito de se enquadrar naquilo que se poderia denominar de “prosa cotidiana”, de “crônica” ou de “relato descritivo de notícias ou ocorrências, etc.”, é tomado como algo essencialmente poético, nobre e elevado, para além de um registro sazonal. O calendário seria um fenômeno que iluminaria poeticamente o cotidiano do ser humano, acompanhando-os em suas alegrias e tristezas, expectativas e frustrações. Ao contrário dos jornais de hoje, principalmente o jornal ilustrado, que espalham, oprimem e amontoam tudo o que é e o que não é essencial num mesmo lugar, o calendário festejaria aquilo que permanece (*das Bleibende*), na discrição sem vistosidade (*Unscheinbaren*), mantendo viva a reflexão sobre a vida ou o repensar ou refletir (*das Nachdenken*) (HEIDEGGER, 1957, p. 12).

Desse modo, Heidegger sugere que a expressão *Hausfreund* é designativa para toda a obra de Hebel. O *Cofrezinho do tesouro* (*Schatzkästlein*), uma reunião dos melhores contos e trechos de calendários, publicados em língua alemã culta em 1811, seria o maior exemplo disso. As poesias alemânicas estariam suprimidas e mantidas ao mesmo tempo no *Cofrezinho* - no duplo sentido da palavra *Aufhebung*, empregada por um contemporâneo de Hebel, que é Hegel. Fica claro, então, que a expressão *Hausfreund* caracteriza também a essência das *Poesias Alemânicas* e vice-versa. Atente-se para essa leitura heideggeriana, pois a expressão *Hausfreund* não aparece ela mesma junto às *Poesias Alemânicas*. No conjunto da obra de Hebel também se destacariam suas cartas, em que novamente a atividade do amigo da casa, através de um nomear do que cotidianamente se mostra, seria elevada pela linguagem, no entanto para o nível de uma simplicidade (... *die Sprache ins Einfache steigern*...) (HEIDEGGER, 1957, p. 16) e não de uma mera complexidade abstrata e empolada. Mediante estas explicações que prendem todos os textos de Hebel a um único termo, Heidegger nos mostra como se sustenta intimamente esta obra em sua tessitura e multiformidade. Mas, o que importa destacar é o fato de que Hebel é interpretado sobretudo como poeta (*Dichter*), tomando-se este termo num sentido amplo: o *Hausfreund* é aquele que amarra e segura as relações caseiras e da comunidade, enquanto aquele que aproxima, junta e ajunta (*dichtet*).

Poder-se-ia questionar a legitimidade, em termos da crítica literária, desse procedimento heideggeriano de transposição literária, na medida em que denomina, de um lado, a obra poética mesma de Hebel - que se concentra nas *Poesias Alemânicas* - através de uma expressão típica da prosa deste autor e, inversamente, caracteriza sua prosa - os contos, todo o *Cofrezinho do tesouro* e as cartas - como sendo essencialmente poética. Este procedimento de anular as distinções de gênero ou mesmo de subvertê-las abertamente, se justifica, no entanto, se lembrarmos do que

Heidegger nos diz em *A origem da obra de arte* acerca da poesia em sentido estrito, que é a *Poesie*, e da poesia em sentido amplo, que é a *Dichtung*. A *Poesie* é um caso particular desta, mesmo possuindo uma relação privilegiada com a linguagem que, por sua vez, é a essência da *Dichtung* (HEIDEGGER, 1952, p. 61). E a *Dichtung* é pensada como um livre apresentar, um iniciar e um fundamentar como instituir. E, note-se que aqui no texto sobre Hebel se trata o tempo todo da *Dichtung* e pouco da *Poesie*, ou seja, se trata sempre do poetizar originário e não de gêneros literários particulares ou de uma mera prática literária.

Uma vez tendo mostrado que toda a obra de Hebel pode ser entendida pela expressão *Hausfreund*, e que esta é privilegiadamente poética, num passo seguinte é preciso se deter exclusivamente na própria palavra *Hausfreund*, perguntando o que nela significam propriamente as palavras: casa (*Haus*) e amigo (*Freund*). A casa é o mundo e resulta de uma interrelação entre deixar morar e construir. “O construir, porém, pelo qual a casa é constituída, é o que é na verdade apenas quando permanece afinado previamente segundo o deixar morar, cujo deixar desperta e garante todas as vezes possibilidades originárias para o morar” (HEIDEGGER, 1957, p. 17). E isso porque uma casa só é casa através de um morar que, na verdade, não se define pelo confinamento a um lugar, mas consiste num migrar pelo mundo sobre a terra e sob o céu<sup>6</sup>. O espaço é algo que se espacializa, não uma estrutura fixa que contém algo, uma res extensa. Os mortais (*Sterblichen*) habitam a casa do mundo. O amigo desta casa, por conseguinte, é aquele que “[...] se estende ao todo e amplo morar da essência humana” (HEIDEGGER, 1957, p. 18).

Um testemunho desta amizade implicada pela figura do *Hausfreund* são As observações acerca da estrutura do universo (*Allgemeine Betrachtungen über das Weltgebäude*) que, mesmo retratando um Hebel *Aufklärer*, não devem ser entendidas, segundo Heidegger, a partir deste movimento que foi a Ilustração (*Aufklärung*). Embora seja inegável que as observações que aparecem espalhadas entre os contos do *Cofrezinho do tesouro* possuem à primeira vista uma certa feição de “esclarecimento”, elas são, antes de tudo, poéticas. Quando Hebel fala dos astros do céu, por exemplo, usa sempre do expediente da personificação, o que inclusive é notado por Heidegger na referência à explicação que Hebel fornece para a metáfora da lua. O sol, a lua e os cometas são sempre figuras personificadas.

Quanto a este expediente, Goethe, em sua resenha de 1805 das poesias alemânicas, já havia notado que Hebel sabia usá-lo muito bem no âmbito da poesia<sup>7</sup>. E dá como exemplo o poema *O prado* (*Die Wiese*) que, aliás, é um dos poemas mais conhecidos do público alemão<sup>8</sup>. Neste poema uma jovem menina encarna um riacho

---

<sup>6</sup> Essa concepção de morar como migrar é também bastante enfatizado nas interpretações heideggerianas de Hölderlin, mormente na que incide sobre o hino *O Istro*.

<sup>7</sup>Numa carta de 26 de fevereiro ao duque Carlos Augusto de Weimar, Goethe considera Hebel um verdadeiro mestre em geografia e astrologia, um senhor de todo o mundo passível de ser medido e avaliado, “*ein Herr der ganzen Messwelt*” (GOETHE, 1907, p. 309).

<sup>8</sup>Trata-se de um dos primeiros poemas da poesia patriótica (*Heimatlidung*) alemã (cf. GLASER/LEHMANN/LUBOS, 1962, p. 235).

que vai ao encontro do rio Reno, que seria o moço que a aguarda<sup>9</sup>. Para Goethe, o recurso à personificação é a chave para interpretar o procedimento poético de Hebel, sendo que esse procedimento se estende desde os objetos da natureza, aproximando-se da poesia descritiva e se eleva, com arte, para o terreno didático-moral e alegórico.

Com a delimitação da amplitude e alcance poéticos da noção *Hausfreund*, Heidegger então, na sequência, a identifica com o que a lua significa para Hebel<sup>10</sup>. A lua seria a própria metáfora do autor Hebel e do teor de sua escrita. Tal como o astro ilumina nossas noites através de uma luz que não é a sua – pois sabemos que a lua é um satélite que recebe sua luz do sol – Hebel também carrega o facho de luz para iluminar a nossa existência na escuridão. O amigo da casa carrega o que é o mais essencial (*das Wesenste*), o que mais brilha na noite e permite aos mortais dormirem em paz. Essa iluminação não se apresenta como uma luz ofuscante, mas como dotada de uma suavidade, uma luz quase imperceptível, ao mesmo tempo celeste (vem do sol) e terrena (a lua pertence à terra).

Não podemos deixar de destacar a amplitude filosófica que Heidegger explora com essa imagem (aliás, bem romântica) da lua no poetizar de Hebel, imagem que imediatamente possui uma dimensão metafísica, ou melhor, de crítica à metafísica da presencialidade do presente. Pensemos somente no contraste desta denominação com a determinação inicial da filosofia em Platão que, na leitura de Heidegger em *A doutrina da verdade de Platão*, se afirma através da metáfora do sol. O sol, para Platão é a figura do supremo ente, que permite a visibilidade da visão (cf. HEIDEGGER, 1978, p. 224-27). A metáfora da lua, por outro lado, pode ser lida como uma alternativa não mais metafísica para o ofuscamento que dominou toda a tradição metafísica, ou seja, ela põe em questão o paradigma dos poetas pensadores que apontam para uma solícita e não dominadora recepção da luz. A lua está longe de ser aquele signo da onto-teologia, da sacralização metafísica do supremo ente, através do qual sempre é compreendido cada ente particular.

Que a lua seja a metáfora do amigo da casa é algo que se depreende do que o próprio Hebel pensa sobre seu “pseudônimo”: o *Hausfreund* é “aquele que pensa algo (sobre um assunto), mas não diz nada” (HEIDEGGER, 1957, p. 23). Ou seja, é alguém que lança aqui e ali um grãozinho de ouro (HEIDEGGER, 1957, p. 23) e, tal como a lua que vaga pela noite entre as nuvens, não se entrega a uma verborragia ininterrupta ou cansativa. O estilo de Hebel no trato de temas “morais”, no contexto dos contos, também contribui para a compreensão da determinação de sua poética através da metáfora da lua. Hebel não é doutrinário, mesmo quando temos nele uma forte carga de moralismo cristão, de exaltação do ser humano humilde e de respeito aos superiores. Um exemplo desse destaque ao ser humano humilde podemos observar no conto “Rei Frederico e seu vizinho”. Neste conto o rei Frederico acaba se convencendo acerca de determinado assunto pela argumentação de um humilde moinheiro. Um exemplo de respeito aos superiores está no conto “Napoleão e a mulher das maçãs”, onde uma camponesa, que sempre dava maçãs a Napoleão, quando este passa por sua propriedade, mostra-se extremamente devotada ao

<sup>9</sup>Pensar o Reno como um jovem não é um privilégio de Hebel. Hölderlin, no hino *O Reno*, já o havia encarado como um *Jüngling*, que se livra das enfaixas e rompe com as montanhas singrando pelas planícies.

<sup>10</sup>No alemão, esta identificação fica mais clara, pois *der Hausfreund* e *der Mond* são dois masculinos.

monarca estrangeiro. Temos ainda um outro exemplo de moralismo cristão no conto “O experto Hussar”, onde o personagem central, um soldado alemão que cometeu atrocidades de guerra na França, é reconhecido, anos mais tarde, por ocasião de uma invasão dos franceses à Alemanha, pela vítima de outrora. Em vez de severa punição ou de vingança, acontece, porém, o perdão, embora o alemão tenha morrido na sequência, por causa de remorsos. O dizer de Hebel não impõe dogmas, deixa sempre ao leitor algo a ser pensado. Segundo a metáfora da lua, o que caracteriza, portanto, Hebel, se expressa do seguinte modo: ele é “[...] aquele que recolhe o mundo num dizer (*Sagen*) cuja palavra permanece um suave brilhar relacionador, por onde o mundo brilha como se fosse pela primeira vez mirado” (HEIDEGGER, 1957, p. 25). Eis a autenticidade do amigo da casa.

Como conclusão do texto, Heidegger mostra em que está baseada esta designação de amigo da casa, ou seja, é preciso examinar qual é seu fundamento último. É no dizer de Hebel acerca dos fenômenos naturais que inicialmente se pode procurar seu sentido. Aqui novamente é necessário afastar a ideia de um Hebel *Aufklärer*. Hebel não faz mera especulação, mas poesia. Tal como faziam os antigos gregos quando pensavam a “*physis*”, Hebel antes devolve à natureza a sua naturalidade. Este modo de ver a natureza é bem diferente daquele preconizado pela ciência moderna. Esta, através de seu operar técnico dominador incidindo sobre a natureza, tornou-se totalmente estranha ao morar do ser humano. Na verdade, falta à técnica um amigo da casa, para além de sua vinculação com a metafísica da subjetividade. A nossa ciência não opera a naturalidade da natureza, que é sempre baseada num morar. O amigo da casa é essencialmente poético porque, como nos diz Hölderlin num de seus últimos poemas intitulado “Em ameno azul...”, o morar do ser humano é poético. Hebel também teria compreendido esta verdade expressa por seu contemporâneo.

Porque sabe que o morar é poético, Hebel consegue trazer para a linguagem o que nela há de não-dito. “[...] Trazer o não dito para a linguagem, o elemento essencial que perpassa todo morar” (HEIDEGGER, 1957, p. 33), esse é o ofício do escritor de calendários e contos. O segredo de Hebel não reside no mero escrever em dialeto, mas em saber dar-lhe o estatuto de língua culta e escrita nobre. Ou seja, há aqui uma transposição de algo advindo de um encobrimento/velamento e que se dirige para um descobrimento/desvelamento, em que ambos se mantêm imperando. Aqui vemos sendo questionada, portanto, a linguagem originária, ou seja, a língua materna (*Muttersprache*). Essa língua não é uma propriedade dos homens, mas é lhes disposta e exige um corresponder. “Propriamente fala a linguagem, não o homem. O ser humano somente fala na medida em que cada vez cor-responde (*ent-spricht*) [...] à língua.” (HEIDEGGER, 1957, p. 34). Não se trata aqui da linguagem superficial, mas da profunda que, em nossos tempos, se transformou em máquina de linguagem (*Sprachmaschine*) ou, o que é muito pior, em máquina de fazer falar (*Sprechmaschine*). A sua autenticidade, contudo, permanece naquele âmbito aberto entre o céu e a terra, segundo a metáfora da planta empregada por Hebel, que diz que somos como plantas apoiadas sobre a terra que florescem para o éter. A linguagem é o que permanece por entre os caminhos tortuosos. “Mas, a linguagem reside nos rodeios e

atalhos, entre a profundidade do completo sensível e a altura do maior ardil do espírito” (HEIDEGGER, 1957, p. 38).

Este intento de questionar a linguagem originária é semelhante àquele do texto sobre Trakl, intitulado “A linguagem”, o primeiro dos ensaios da coletânea *A caminho da linguagem (Unterwegs zur Sprache)*, no qual Heidegger analisa o poema de Trakl, *Uma tarde de inverno (Ein Winterabend)*, mostrando que a linguagem deve ser pensada a partir de um puro dito (*reines Sagen*). Este dizer encontra-se de modo privilegiado na poesia enquanto *Dichtung*, que no seu dizer carrega sempre o não-dito (*das Ungesprochene*). A esta riqueza necessita corresponder o ser humano, permanecendo na escuta (*Hören*), enquanto pertencer (*Gehören*) morando na linguagem. Já no texto sobre Hebel trata-se do apelo ao morar para que se mantenha a sintonia com o dialeto, isto é, com a linguagem em seu modo de ser mais originário e primeiro enquanto fala. No modo de se dirigir ao leitor, na singeleza de seu estilo e na maneira como trata das questões que envolvem o saber humano revela-se em Hebel esta íntima disposição dos versos de Hölderlin, “... pois é poeticamente que o homem habita sobre esta terra...”

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. „O narrador“ In: „Magia e técnica, arte e política“/Obras escolhidas, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- FRANZ, K. *Johann Peter Hebel Kannitverstan. Ein Missverständnis und seine Folgen*, München, Hanser, 1985.
- GOETHE, J. W. v. *Allemanische Gedichte* In: *Schriften zur Literatur*. Band 14, Zürich: Artemis, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Briefe*, Weimar, Böhlau, Band 40, IV, 1907.
- GLASER, H.; LEHMANN, J.; LUBOS, A. *Wege der deutschen Literatur*. Eine geschichtliche Darstellung, Darmstadt, Deutsche Buch-Gemeinschaft, 1962.
- HEBEL, J. P. *Schatzkästlein des rheinischen Hausfreundes* hrsg. Winfried Theiss, Stuttgart, Philipp, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Allemanische Gedichte/Schatzkästlein des Rheinländischen Hausfreundes*, München, Karl Hanser, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Kalendergeschichten*, Frankfurt am Main, Moritz Diesterweg, 1968.
- HEIDEGGER, M. *Hebel, der Hausfreund*, Tübingen, Neske, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Holzwege*, Frankfurt am Main, Vitorio Klostermann, 2 ed. 1952.
- \_\_\_\_\_. *Unterwegs zur Sprache*, Tübingen, Neske, 2 ed. 1960.
- \_\_\_\_\_. *Wegmarken*, Frankfurt am Main: Vitorio Klostermann, 1978.
- ROSENFELD, A. *Doze estudos*, São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, Comissão de Literatura, 1959.
- TITAN, S. O Almanaque de Johann Peter Hebel. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n. 72, 2005  
[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002005000200016](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200016)

Submetido: 08 de setembro de 2021

Aceito: 25 de setembro de 2021